

Feliz aniversário



AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

Valter Hugo Mãe

Feliz aniversário, senhor Artur do Cruzeiro Seixas. Os seus cem anos chegaram já um pouco depois de si, mas a festa não pode deixar de acontecer, quero dizer, a alegria pela sua vida é uma obrigação de todos nós. Ainda agora escrevemos acerca de ter partido, mas eu não haveria de ficar calado para este 3 de dezembro. Sinto que me sobram nas mãos as palmas para depois do bolo, nos braços os abraços. Estávamos allitinhos que houvesse o ruído deste aniversário, a imaginar como se haveriam de abeirar tantas pessoas, e dissemos vezes sem conta como é boa essa multidão dos que amam o surrealismo, como é boa a gente que ainda corre para ver um desenho ou escutar um poema.

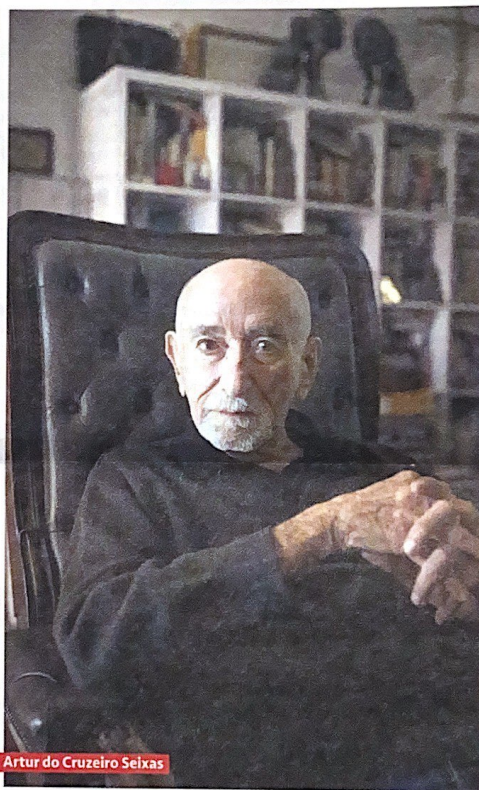
Senhor Seixas, quando tive a impressão de se inclinar sobre mim com seu cabelo branco igual a um candeeiro aceso, eu brinquei de estar numa estação do ano única, um verão cujo sol fosse amoroso, humano, em combustão pela maravilha desse desenho e desse poema. Eu julguei que se instalara uma central elétrica no interior do seu peito capaz de iluminar a cidade inteira. A sua condição industrial. Lembra-se? Era industrial. Por isso haveria de ter um tamanho de vida como as casas e as fábricas. Haveria de perdurar.

Querido amigo de infância, isso de por dentro do espírito nos encontrarmos livres da idade e plenos de surreal, agora te toco o mais dançável Vivaldi para

que abanemos a perna cruzada sobre a outra, a incentivarmos alguém a rodar a saia num baile súbito. Escolho apenas os andamentos mais alegres e até velozes, aqueles que permitem quase o folclore, um corrido pelo salão para que as saias levantem francamente e nos compensem de não nos querermos levantar também. Queremos ver tudo. Queremos ver toda a gente. A Antena 2 havia de ficar o dia todo a escolher Vivaldi e só para a noite seria mais adequado que nos tocassem o *Verklärte Nacht*, para que nos chegue o sono e o assombro. Como tem de ser.

Eu disse-te que sou alarve e dificilmente ouço música em sossego. Gosto de subir o volume, estremecer a casa, impregnar o silêncio desse arrebatamento intenso, como uma invasão absoluta. E tu disseste que alguém tinha de fazer soar mais alto as sinfonias do Mahler quando não fosses deste planeta. Se os mortos viajassem para outro lugar, era imperioso que esse lugar se visse invadido pelo Mahler, por menos educado que parecesse querermos impor ao universo o trabalho de um génio das nossas paixões. E eu sinto vontade de alardear todos os génios das nossas paixões neste teu aniversário. Deixá-los aos gritos, janelas fora, para que nessa lonjura para onde te levaram se ponham todos a reparar, nem que eu seja maleridamente culpado, apenas para te garantir que a maravilha persiste. Ela, como tu, persiste.

Senhor Seixas, quando tive a impressão de se inclinar sobre mim com seu cabelo branco igual a um candeeiro aceso, eu brinquei de estar numa estação do ano única, um verão cujo sol fosse amoroso



Artur do Cruzeiro Seixas

TIAGO MIRANDA

É tempo de reler o teu poema: "No dia do meu aniversário / na áspera superfície como o sangue / de que se veste a consciência / os atletas entraram de dedo no gatilho / trazendo a noite / pelos cabelos. / A meio do enterro / alegre, / devoram-se olhos-dentes-joelhos / e as mãos desenham no espaço / antigo / a música necessária / à evocação. / A morte ao nascer / adivinha os pensamentos mais sublimes / e estende carinhosamente o verde dos bosques mais compactos / pelo fundo dos mares. / Cria países mitológicos / perdidos em campos devastados pela guerra. / É-nos necessário levantar do chão a paisagem. / Que fique suspensa como uma serpente / pelas paredes / infinitas / do labirinto. / Mas não me perguntes / se as serpentes / choram."

Julgo que choram, as serpentes. Ao menos agora, ao menos hoje. Quando o teu poema se diz em voz alta e eu não tenho a certeza de to deixarem ouvir ou sequer lembrar. Feliz aniversário, querido mestre, senhor Seixas. Voltaremos à infância mil vezes e mil vezes nos encontraremos. Não te distraias do óbvio: tudo é passível de ser imaginado. E tudo quanto se imagina é um lugar possível. Melhor do que ficar pelo pouquinho das evidências ou das emoções. Abana agora a perna cruzada sobre a outra, há tanto Vivaldi para tocar que alguma saia se verá perfeita a fazer a alegria que tanto te queríamos mostrar. JL

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS (1920-2020)

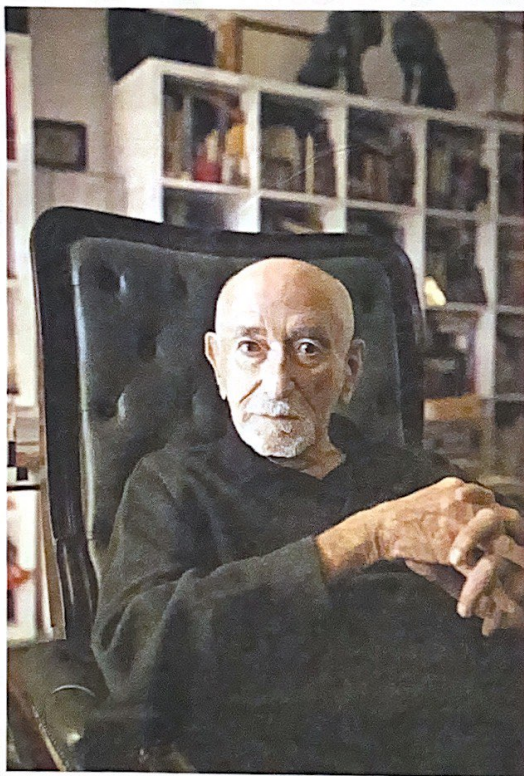
Faria 100 anos a 3 de dezembro, idade que lhe teria ficado bem, porque tão vasto quanto um século foi o seu fazer artístico e poético. Morreu, no entanto, no dia 8, entristecido com a distância que a pandemia impôs. Formado na António Arroio, avesso a definições e rótulos, cultivou a proximidade e afirmou-se na cumplicidade com amigos e companheiros do Grupo Surrealista de Lisboa, que fundou com Mário Cesariny, António Maria Lisboa e outros, nas galerias que dirigiu e na sua obra. O JL, que preparava um tema para a próxima edição, antecipa-o, assinalando a sua morte, com textos de Perfecto E. Cuadrado, seu testamenteiro, coordenador do Centro Português do Surrealismo, prof. da Universidade das Baleares, de António Cândido Franco, autor da biografia de Cesariny, entre muitas outras obras, e Maria João Fernandes – além da crónica de Valter Hugo Mãe e de uma carta inédita para Carlos Mendes de Sousa. Para próxima edição fica o depoimento de Carlos Cabral Nunes, director da Galeria Perve e da Casa da Liberdade – Mário Cesariny

Sonhos sonhados de arte e poesia

PERFECTO E. CUADRADO

M

Morreu Artur Manuel. Morreu Cruzeiro Seixas. Morreu Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas. O mestre, o surrealista, o amigo, o artista, o cidadão. Talvez chegava dizer só o *Surrealista*, como ele afirmava que gostaria de ser lembrado, isto é, de continuar a viver na memória de todos nós e de quem depois de nós sentir a necessidade da luz entre as trevas da caverna platónica. Da escuridão saiu e enfrentou o desconhecido para viver e não ser simplesmente vivido, lançou-se ao abismo para encontrar coisas novas como Baudelaire pedia ("Passo dias e noites à beira do abismo. Julgo que é na ausência que se constrói o infinito: todo o infinito, diria eu, é feito de ausência. Ou melhor, de excesso – mas de excesso de ausência", segundo as suas palavras), e fez o seu caminho sempre como Breton queria, em estado de absoluta disponibilidade para a surpresa, com o espírito e a força demiúrgica da criança, criando cada fragmento da realidade e inventando – lhe uns perfis e depois um nome para a fazer realmente real, colecionando mátrias eletivas e afetivas que no seu imaginário pessoal criavam mátrias novas trazidas depois artisticamente:



Cruzeiro Seixas "É-me mais necessária a pintura dos outros que a minha"

"A minha vida segue independentemente da realidade aparente, parecendo também por vezes independente de mim. Segue como os acontecimentos dos sonhos e sigó-a apavorado, mas curioso, pleno de vertigens e de cansaço. Não

finjo que sonho, sonho – ou só finjo quando os outros me julgam acordado. Todos os dias, no meio da grande cidade, como acontecia ao Stº Antão do Bosch, por exemplo, eu assisto boquiaberto a cenas que passam por completo desaper-

Sempre se afirmou como surrealista não tanto no sentido estético ou poético, mas sim no filosófico, moral e ético, naquele projeto de transformar revolucionariamente o homem interior e o homem exterior

cebidas aos que me rodeiam!".

Sonho, imaginação: ferramentas para a viagem (interior e exterior), para a aventura, para o prazer da descoberta. Como ele disse uma vez: "Ao que encontrei, tanto e tanto acrescentei." Por isso, depois da sua passagem pela vida, a realidade que nos deixou ficou mais ampla, mais variada, mais rica, mais poética, mais "reabilitada" (como diria Cesariny) e aberta sempre a novas descobertas e a novas multiplicações que a todos nos incitam, a todos nos convidam e a todos nos obrigam.

A SUA OBRA, IMENSA, CONSEGUIU traduzir a experiência da sua viagem em quase todas as linguagens artísticas: pinturas, colagens, desenhos, esculturas, objetos, contos, cartas ilustrada, os seus "cadernos do seu diário – não diário" (um contributo original para a tradição da literatura autobiográfica), "desaforismos", um guião cinematográfico, poesia (quatro volumes organizados por Isabel

Meyrelles, o último ainda a publicar), cenários para a Companhia Nacional de Bailado e para a Companhia de Bailado da Fundação Gulbenkian, participação em obras coletivas como os *cadavres-exquis* ou os manifestos e textos de intervenção, e os seus próprios textos de crítica e combate – artigos, textos para catálogos, entrevistas –, e a direção de galerias de arte que estabeleceram uma ponte preferencial com grupos internacionais (como o grupo PHASES de Paris), e, enfim, a impressionante coleção de obras dos grandes nomes do Surrealismo português e internacional (muitos deles amigos pessoais), de arte africana e de obras de artistas que poderíamos situar no território da arte *naïf*.

Na sua coleção de pinturas, desenhos, esculturas, objetos, manuscritos preciosos, etc., encontramos obras de alguns dos mais importantes poetas plásticos do Surrealismo português – dos avançados, como Júlio, Mário Eloy ou Vieira da Silva, aos do momento de intervenção mais ou menos organizada, como Cesariny, Areal, Pedro Oom, Risques Pereira, António Maria Lisboa, Carlos Eurico da Costa, António Domingues, António Paulo Tomaz, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, João Rodrigues, Isabel Meyrelles, Fernando Alves dos Santos ou D'Assumpção, até chegar aos aderentes próximos como Jorge Vieira, Eurico ou Carlos Calvet, aos herdeiros mais conhecidos como Raúl Perez, Mário Botas e Paula Rego ou aos familiares de primeiro, segundo ou terceiro grau como João de Vasconcelos, Júlio Pomar, Escada, Gonçalo Duarte, António Quadros, Menez, Graça Morais, Ana

Hatherly, Alfredo Margarido ou Dalila D'Alte. Ao seu lado, ou melhor, entre eles, autores maiores do Surrealismo internacional como Max Ernst, Eugenio Granell, Victor Brauner, Breton, Tzara, Henri Michaux, Philip West, Franklin e Penelope Rosemont, César Moro, Rik Lina, Cavalcanti, Édouard Jaguer, Anne Éthuin, Jorge Camacho, Lud ou Inácio Matsinhe, vizinhos como Arpad Szenes e viajantes numa estação anterior como Sonia Delaunay, até rapazes novos como Giordano Bruno ou Juan Carlos Valera.

A essa paixão do colecionador, e do(s) seu(s) sentido(s) dedicados no Centro de Estudos do Surrealismo (hoje, Centro Português do Surrealismo da Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicao) a exposição itinerante *O Surrealismo Abrangente*, que apresentávamos como "uma sincera homenagem ao próprio Cruzeiro Seixas através das obras dos seus amigos, das suas afinidades eletivas, daqueles autores e daquelas obras que têm constituído de facto a sua verdadeira família e que assim reunidos na (con)celebração da arte celebravam ao mesmo tempo o amor e a amizade como verdadeiras forças genésicas e não só como íntimo castelo onde se refugiar da sordidez do real quotidiano". E é que "coleccionar" tinha para ele um sentido vital, profundo: "Afinal, é-me mais necessária a pintura dos outros que a minha."

HÁ MAIS DE 40 ANOS que conhecia Artur Manuel, conversava com ele e com ele tenho feito uma boa parte da minha própria viagem pela vida, e posso dizer que sempre se afirmou como essencialmente surrealista não tanto no sentido estético ou poético do termo, mas sim no seu sentido filosófico, moral e ético, isto é, naquele projeto de transformar revolucionária e paralela e coincidentemente o "homem interior" e o "homem exterior", como dizia Breton, ou, como se costuma dizer, da fusão da absoluta mudança do mundo (Marx) e do homem (Rimbaud) - nada a ver com o que hoje a sociedade do espetáculo no seu grau mais alto de desumanização entende por "surrealismo" ou "surrealista". Um projeto inscrito no triângulo emblemático das teorias e das práticas surrealistas: amor, liberdade, poesia.

Como artista, Cruzeiro Seixas ficou conhecido sobretudo pelos seus "bonecos" (como chamava aos seus magníficos desenhos e pinturas figurativas), mas ele sempre chamou a atenção na sua obra para os seus objetos, uma dos contributos mais significativos e originais à tradição vanguardista dos objetos encon-

trados e intervencionados e à transformação de objetos de uso quotidiano em objetos artísticos por manipulações mínimas dos seus elementos. Mas mesmo no âmbito da pintura, não podemos esquecer as suas colagens, tanto as figurativas dos primeiros tempos como as que nos últimos anos da sua vida realizou com fragmentos de cartolina combinados como tapeçarias poéticas de linhas, formas e cores. Num território absolutamente pessoal, devemos também assinalar os seus inclassificáveis cadernos do seu diário - não diário -, que, num particular diálogo entre o desenho, a pintura, a fotografia e a palavra poética própria ou apropriada, vão configurando o itinerário da vida e a obra do autor.

E, passando do território da poesia plástica para o da poesia verbal (que afinal são um mesmo e único território, com ou sem espaços melhor ou pior delimitados), Ernesto Sampaio iluminava assim, como a sua lírica lucidez, a paisagem desenhada pela palavra criadora do CS: "Poeta surrealista, o campo prospectivo de Cruzeiro Seixas é o desconhecido ilimitado de onde brotam as imagens nas quais se expressa, através do inconsciente individual e do

Ficou conhecido sobretudo pelos seus "bonecos" (como chamava aos seus magníficos desenhos e pinturas figurativas), mas ele sempre chamou a atenção na sua obra para os seus objetos, uma dos contributos mais significativos e originais à tradição vanguardista

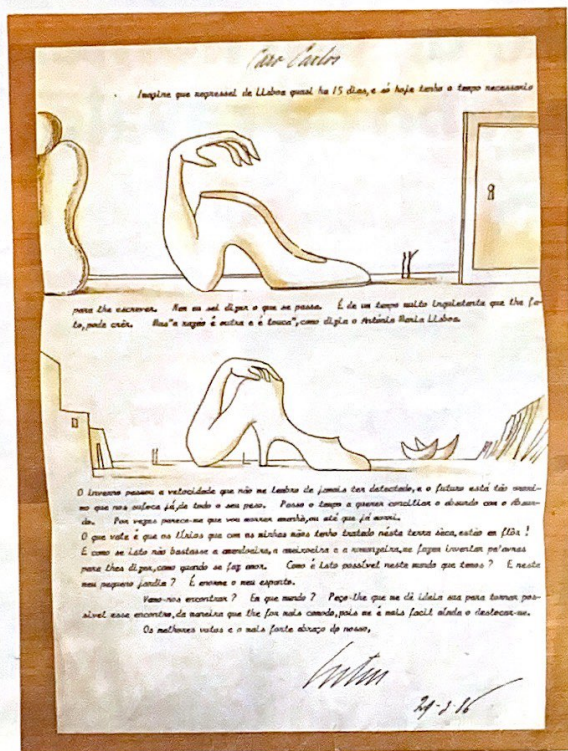
inconsciente coletivo, da voz ancestral dos mitos, das recordações, dos desejos, desde a infância mais remota, a essência profunda do nosso ser. [...] As raízes de uma poesia como esta encontram-se nas profundezas do inconsciente e é preciso que o poeta se abandone às suas vagas sem terror, não tema entregar-se a um certo grau inalienável

de furor. O seu material são os sonhos efetivamente sonhados, que se nos dirigem na profunda linguagem do real porque partem da inesgotável fonte de todo o conhecimento, de lá onde se engendra a verdadeira sabedoria, o mundo nos transforma e nós transformamos o mundo."

DESSE MATERIAL DOS SONHOS por ele sonhados pode ser um exemplo o poema que remete ao sentido e ao resultado do já apontado na experiência de *homo viator* Artur Manuel do Cruzeiro Seixas: "Ao que encontrei/tanto acrescentei.// Recordo-me dessas horas desses dias.//Tudo o que era morto resuscitava, os animais encontravam-se, e altos monumentos brancos cresciam em cada praça.//O nosso sangue circulava nas montanhas/e no mar, /e os nossos músculos erguiam árvores/que nos cobriam com a sua ilimitada confiança.//Nós todos éramos os dois.//Um dia queimámos o fundo do mar/e o incêndio alastrou às vagas absurdas, /ao sangue misterioso.// Estavas pálido como a água, /jamais alguém empalideceu assim.//Que horas eram meu amor distante?//Ao que encontrei tanto acrescentei/nesta tarde exageradamente tranquila!"

No próximo 3 de dezembro, Artur Manuel devia fazer cem anos, e no Centro Português do Surrealismo da Fundação Cupertino de Miranda tínhamos preparado celebrações - edições, exposições, encontros - que foram adiadas por causa da peste que tanto ajudou a avançar o seu adeus e que agora vamos desenvolver, já sem a sua presença mortal mas com mais força e maior sentido, porque viver é ser lembrado e a nossa obrigação moral e ética (ou seja, profundamente surrealista) é fazer com que Artur Manuel e, com ele, o Surrealismo continuem a viver na nossa memória individual e coletiva.

Podia eu acabar este "louvor e simplificação" do meu amigo e mestre com um desamorismo seu: "A minha obra, se ela alguma vez existiu, o que falta é apenas a minha morte". Mas gostaria de o fazer com um poema de Mário Cesariny, que tanto significou na sua (na minha, na nossa) vida, *Passagem de Cruzeiro Seixas em África*, que fala das áfricas que tanto significaram para ele, e que culmina também com a palavra morte que hoje preside infelizmente às nossas vidas: "este é o segredo/este é o segredo/para todos os usos//raptos desobediência/exaltação/e morte".



Carta escrita e desenhada: Enviada a Carlos Mendes de Sousa

O que vale é que os lírios estão em flor

Imagine que regresses de Lisboa quasi há 15 dias, e só hoje tenho o tempo necessário para lhe escrever. Nem eu sei dizer o que se passa. É de um tempo muito inquietante que lhe falo, pode crer. Mas "a razão é outra e é louca", como dizia o António Maria Lisboa.

O inverno passou a velocidade que não me lembro de jamais ter detectado, e o futuro está tão próximo que nos sufoca já, de todo o seu peso. Passo o tempo a querer conciliar o absurdo com o Absurdo. Por vezes parece-me que vou morrer amanhã, ou até que já morri. O que vale é que os lírios que com as minhas mãos tenho tratado nesta terra seca estão em flor! E como se isto não bastasse a ameixeira, a ameixeira e a romanzeira me fazem inventar palavras para lhes dizer, como quando se faz amor. Como é isto possível neste mundo que temos?

Em neste meu pequeno jardim? É enorme o meu espanto. Vamo-nos encontrar? Em que mundo? Peça-lhe que me dê ideia sua para tornar possível esse encontro, da maneira que lhe for mais cómodo, pois me é mais fácil ainda o deslocar-me. Os melhores votos e o mais forte abraço do nosso, Cruzeiro

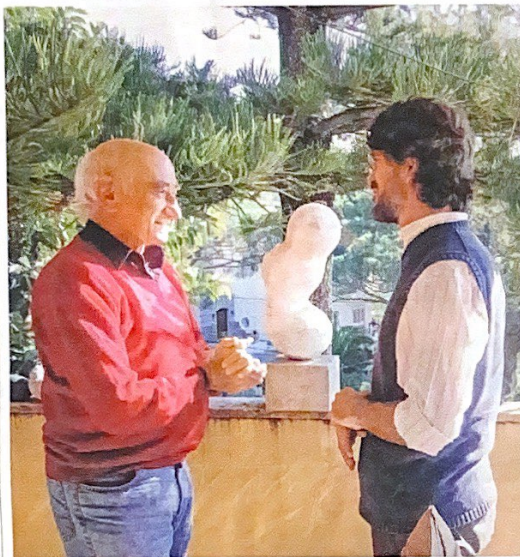
Retrato de um homem com rabo de cavalo

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Os seres que se destacam por um dom robusto, que consagram a vida às criações do seu talento e deixam em herança uma obra assinalável que resiste ao tempo, e Artur Cruzeiro Seixas pelo legado que transmite pertence com certeza a tal classe, foram também indivíduos, cujas ações particulares em nada se diferenciavam daquelas que todos conhecemos. As obras do talento, as criações do trabalho e do génio pertencem a uma comunidade e fazem parte do cabedal humano comum e geral, enquanto as ações do indivíduo – comer, beber, amar, viajar – de tão particulares só lhe pertencem a ele.

No caso dos grandes criadores a nossa atenção recai antes de mais nas obras que nos legaram. São elas que extasiam, que permanecem e que dão um contributo decisivo à evolução social. Qual o lugar das particularidades do indivíduo que nos legou tais obras? Qual o seu papel e qual o seu interesse? Em que medida é que essas particularidades podem ou não determinar os poemas que escreveu, as batalhas que ganhou, os quadros que pintou, os problemas que resolveu? É provável que a vida dum ser que nos legou ideias, obras e factos que fazem parte do património duma comunidade e até do da humanidade geral seja idêntica à de todos nós. Todos temos uma biografia recheada de anomalias, de singularidades, de inconstâncias e de inconveniências que tanto têm de delicia como de capricho. Por isso os biógrafos mais instintivos e puros puderam escrever biografias curiosíssimas de gente anónima e obscura que nunca escreveu uma linha nem deu qualquer contributo para o bem coletivo.

Tive ocasião de conviver o seu tanto com Cruzeiro Seixas. Quem o conheceu sabe que ele gostava de falar e de falar de si. Havia histórias que se repetiam e que funcionavam como um cartão de visita. A mais incisiva e a primeira com que se apresentava – conheci-o depois do regresso do Algarve, há 20 anos, já ele estava consagrado – era o seu ponto de honra. Nunca enriquecera com a pintura e, o que era supino, sempre dera mais desenhos do que aqueles que vendera. Dar em vez de vender e quase não ter conta no banco eram os seus principais motivos de orgulho. A simplicidade era tão acentuada, punha nela uma tal intenção, uma tal intensidade de expressão, que por vezes mais parecia irreverência. Insolente à força de humildade, disse dele um dos seus



Com António Cândido Franco
"Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez". A esq., o objeto "O seu olhar já não se dirige para a terra, mas tem os pés assentes nela", de 1953

próximos, o francês Édouard Jaguer – um dos fundadores do movimento COBRA.

A segunda história que o Artur gostava de contar, e que nunca deixava de lado, dizia respeito à sua obra. Toda a sua criação fora feita em cima de caixotes, ao telefone ou dentro da gaveta da secretária às escondidas dos vários superiores hierárquicos que foi tendo no curso da vida, os últimos na Secretaria de Estado da Cultura do Algarve, onde se reformou pouco antes dos 70 anos. Era hábito seu dizer que a sua obra era constituída por "papelinhos". Gabava-se de nunca ter tido atelier nem cava-

lete. Recusava assim o estatuto de artista – palavra que tinha por insultuosa. Nesta linha vinham algumas outras histórias, como o ter reprovado dois anos seguidos na disciplina de desenho na Escola António Arroio. Segundo ele, nada aprendera na escola e os primeiros rendimentos de desenho, as primeiras técnicas que bebera fixara – as a ver desenhar a carvão o seu colega de carteira António Domingues – filho do anarco-sindicalista Mário Domingues, o camarada de Manuel Ribeiro e de Ferreira de Castro e também ele autor de romances de largo público.

No início perguntei-me até que ponto estas histórias eram uma atitude estudada. O profissionalismo do traço, o talento do desenho, o rigor da composição e a segurança das figuras, tudo parecia indicar alguém que era muito mais do que um dileitante. Era impossível que o autor de obras tão perfeitas e afirmativas, tão densas de projeção e de planeamento, com um tão complexo e estudado encadeamento de formas, pudesse apenas socorrer-se do lápis no intervalo dum telefonema ou no interior escondido duma gaveta.

POUCO A POUCO APERCEBI-ME, porém, que estas histórias não eram rábulas nem pose; faziam parte da singularidade do homem.

Vi o lugar onde desenhava – um minúsculo retângulo no centro da sua secretária, sempre atulhada de papéis, livros, lápis, canetas, lupas, pedras – em páginas de livros, em sobrescritos de correio acabados de receber ou a expedir, em folhas soltas e vulgares. Durante anos recebi regularmente pelo correio cartas dele recheadas de desenhos perfeitos, mas que se percebiam serem quase espontâneos, traçados no instante em que as escrevia à secretária. Como eu dezenas, se não centenas, de pessoas. Luiz Pacheco almoçou e deu a almoçar aos filhos e à jovem companheira Maria Irene, nas Caldas da Rainha, há quase 60 anos, um envelope de Cruzeiro Seixas. Numa terra que prezava a arte, vendeu-o mal o recebeu por força do desenho que lá estava e pôde assim matar a fome.

E se é hoje impossível comprovar no seu processo escolar da António Arroio os dois chumbos na disciplina de desenho – consulte o processo –, ou as expulsões das aulas de que se blasonava, está lá que nunca concluiu qualquer ciclo de estudos, a não ser o mais basilar, e que desde cedo, teria então 15 anos, apresentava justificativo de trabalho como marçano numa loja da Baixa. A história dos seus inumeráveis trabalhos era outro ponto de honra da sua apresentação. Enquanto os amigos podiam passar

as tardes nos cafés – o Herminios na Avenida Almirante Reis, a Cubana na Avenida da República, o Lisboa Moderno e outros – ele tinha de dobrar a cerviz para ganhar ordenados de miséria, isso que o antropólogo David Graeber, acabado de falecer, chama *bullshit jobs* e que é a tragédia daquilo que hoje se chama trabalho.

Passado esse adro das apresentações, entrava-se na intimidade da sua casa. A altivez das suas declarações, o garbo e até a artificialidade que nelas punha, ficava para trás e dava lugar a uma simplicidade de maneiras que não baralhava menos. Fazia questão em servir bolos, brindar com um gole de vinho, beber licor, folhear livros e mostrar estampas. Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez. Foi num momento assim que Mário Cesariny lhe deu cetro, coroa e trono, batizando-o ternamente "Rei Artur".

Contava ainda histórias, como a daquele mecânico que descobrira numa viagem ao Norte e que se entretinha a fazer figuras zoomórficas com as porcas e os parafusos da sua oficina, ou a relação carinhosa que tinha com os pais, ou ainda a história dos seus engates, que se resumiam para ele à história exaltante com que procurara sempre o Amor sublime e louco. Nada lhe dava tanto prazer, nada lhe iluminava tanto o rosto como recordar aquele marinheiro com quem fizera amor pago numa pensão do Cais do Sodré e que depois da hora marcada se voltou para ele e lhe disse que a partir dali era por paixão.

A mãe fora a primeira admiradora dos seus traços. Em casa, em fios, pendurava com molas os seus desenhos que assim ficavam em exposição. Quem assim teve uma mãe, pôde durar, sem nunca se magoar com a vida. Ardía num fogo macio e doce, nada brusco, nada violento, mas que não eletrizava menos – um fogo voluptuoso que durava e não se extinguía. Tinha a serenidade, a timidez, a força e o fôlego dum cavalo – o seu emblema totemico por excelência nas voltas da vida e nas metamorfoses da arte. Relinchava alto nas noites quentes e africanas do mundo e por isso num dia castanho de fogo, excitante de sol e luz, ele, o sagitário das setas de ouro, o sonhador diurno e acordado dos grandes literais imaginados, ergueu os olhos ao alto e gritou imperativamente à solidão do céu: – Eu falo em chamas. JL

Apagava-se por trás duma delicadeza que era incapaz da mais pequena rispidez. Foi num momento assim que Mário Cesariny lhe deu cetro, coroa e trono, batizando-o ternamente "Rei Artur"

O senhor Seixas



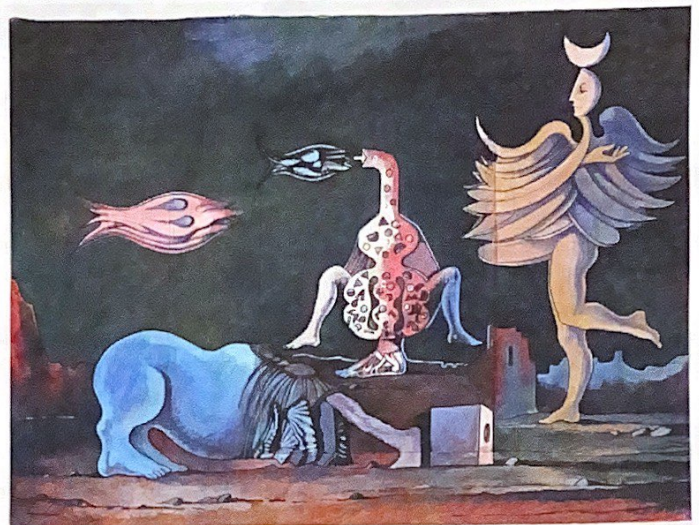
AUTOBIOGRAFIA IMAGINÁRIA

Valter Hugo Mãe

Quando, em 2004, publiquei o meu primeiro romance, "o nosso reino", rimo-nos muito com a personagem do Senhor Seixas, um homem mais velho que imaginava todas as probabilidades através dos seus desenhos. Vamos entendendo que, por fim, quando o narrador nos conta seus sonhos trazendo sanção e purga, os desenhos do Senhor Seixas estão por oráculos, sapiência profunda que estudou a humanidade, seus desejos e seus receios. Artur do Cruzeiro Seixas, na sua casa da Rua da Rosa, ria muito. Dizia que era bonito tornar-se um senhor com desenhos entre as crianças, normalizando a arte entre as crianças

porque elas necessitam de crescer em maravilha para não crescerem brutas, ausentes de imaginação. Brigava muito por isso. Considerava que mostrar uma obra a quem não imagina nada é medir a humanidade. Os que não imaginam são animais em desperdício, humanos

Estava exausto da solidão. Não queria esperar por nada porque esperar era tudo sobre a morte. E garantia que não ia fazer cem anos inteiros. Não queria sequer fazer cem anos porque não havia motivo para isso



Pintura de Cruzeiro Seixas "Existirá como um clarão na arte. E haverá uma eternidade para consumir o que faltou: mostrar ao mundo. Compete-nos a todos. Mostrar o génio ao mundo"

que não se completaram.

Julgo que foi por me ter lido nesse primeiro romance, a história de um menino de oito anos de idade, que o verdadeiro Senhor Seixas me tomou sempre por um amigo com quem brincava, alguém que produziu infância à

revelia da idade, à revelia do tempo. Era, então, comum que se alegrasse e se divertisse, à espera de saber sobre o anedotário da minha vida, misturando tudo com o entusiasmo reflão acerca da falta de políticas de cultura, o desamparo de tantos artistas jovens

que queriam fazer coisas maravilhosas sem dinheiro nem galerias, a evocação apaixonada de Mário Cesariny, o desejo de ver a sua obra exposta no estrangeiro, essa vastidão a que pertence DeChirico, por exemplo, que ele amava talvez acima de todos os outros.

Ele considerava que com as crianças se podia sempre fazer um desenho com valor. Qualquer criança podia sentar-se com ele e criar uma obra conjunta de que gostariam muito. Já os adultos só por sorte haveriam de o conseguir. Haveria de depender de como iam daquele embrutecimento que os impedia de imaginar. Os adultos, para o maravilhoso Senhor Seixas, optavam paulatinamente pela boçalidade, até não saberem as mais simples premissas da alegria, da diversão, da arte. Até não se levantarem do corpo, não praticarem o voo, prisioneiros da verdade. O Senhor Seixas dizia que tudo quanto se criava também era verdade.

Arrelviava-me que se apequenasse diante de outros, como de Cesariny. Estendia o que desenhara e falava de bonecos. Eram bonecos nos papéis. E eu protestava. Ele adorava que eu protestasse. Depois, ia buscar as melhores coisas. Escondia-as. Quería garantir que se guardavam. Tinha sempre medo que lhas roubassem. Discutíamos acerca das exposições que se anunciavam sem que ele fosse informado. Dezenas e dezenas de trabalhos que entravam no circuito comercial sem que ele ganhasse um tostão. E eu arranjava modo de conseguir fotografias das obras à venda e ele pasmava. Mas, mais do que queixar-se de ter sido roubado, ele acabava por se maravilhar com o que via. Dizia: esta cabeça, este cavalo, este bocado de lua, que lindo. Que lindo que isto é. Era como se não se lembrasse bem de fazer as coisas. Como se nunca acreditasse por inteiro. Diante das suas obras, por mais que as chamasse de bonecos, ele ficava encantado. Encantava-se de se sentir a vagar entre aquelas ilhas noturnas, reluzindo.

As nossas últimas conversas foram ao telefone. Estava exausto da solidão. Não queria esperar por nada porque esperar era tudo sobre a morte. E garantia que não ia fazer cem anos inteiros. Não queria sequer fazer cem anos porque não havia motivo para isso. E eu evocava DeChirico e a exposição que ia haver em Paris e ele revivia. Dizia que eu lhe significava algo do foro do amor. Não seria por mim. Seria por eu saber o segredo contido no nome do DeChirico e pela magia de haver uma exposição em Paris. Da última vez, pedi-lhe que me deixasse uma pergunta à qual lhe responderia por escrito. Perguntou: viramos amigos de infância. Não acha isso divertido?

Acho mágico. Apenas possível pela maravilha de não embrutecermos e nos mantermos no uso urgente da imaginação. Essa verdade que fazemos.

Que falta insuportável nos fará a sua força. Que falta insuportável nos fará o testemunho sem rodeios que deixava da sua e da vida de todos nós. Existirá como um clarão na arte. E haverá uma eternidade para consumir o que faltou: mostrar ao mundo. Compete-nos a todos. Mostrar o génio ao mundo. JL

O poeta e a Esfinge

MARIA JOÃO FERNANDES

"Caminhamos (...) pelas estradas infinitas/ que sulcam a lua"

Artur Cruzeiro Seixas, *Poesia*

Nome histórico do Surrealismo português, seu máximo expoente, Artur Cruzeiro Seixas (CS) é um dos ícones deste movimento no plano internacional. O domínio do sonho, nos quais o inconsciente se manifesta livre de todas as barreiras racionais, que também nele se refletem, foi eleito o campo por excelência da sua questionação, matéria prima das suas descobertas.

Assumiu-se sempre, fundamentalmente, como poeta, estando os seus poemas coligidos em dois volumes publicados pela Editora Quasi e em diversos álbuns editados pelo Centro Português de Serigrafia que reúne os seus aforismos, compilando ao correr dos dias, os seus pensamentos e os alheios, num verdadeiro edifício da gnose surrealista. Estes pensamentos aparentemente dispersos, mas unidos por uma lógica da qual participa o irracional, sua metade oculta e essencial, estas imagens trazidas à consciência pelo grande oceano dos acasos maravilhosos do inconsciente, têm uma expressão na sua poesia e na sua pintura.

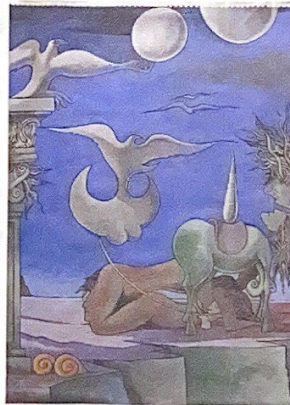
A sua obra plástica sobre a qual podemos ter uma visão de conjunto e que envolve a pintura, o desenho, o objeto, a colagem, o projeto para escultura e a escultura, elucidam-nos, tal como a sua poesia, sobre a questão da presença no seu discurso de uma lógica oculta, crítica, defendendo os seus enigmas, mesmo do próprio autor. Nessa lógica, nessa gramática, vemos configurarem-se os grandes arquétipos que estruturam o imaginário. Na verdade, não estamos perante uma "linguagem incompreensível" ou diante de palavras fatalmente e "mortalmente confusas", formulações de Artaud e de Herberto Helder, respetivamente, que servem de leitmotiv à sua poesia.

Não se trata de um caos voluntário ou de um labirinto aventuroso e indecifrável, que aliás a obra de CS, como toda a criação surrealista, também é, mas do esboçar balbuciante e com uma assombrosa perfeição e precisão formais, das grandes coordenadas do imaginário (e dos seus símbolos) que estruturam igualmente os grandes mitos. O regime dos contornos nítidos, da antítese da luz e das trevas, das metamorfoses, do temor noturno do tempo devorador e da morte, do élan para a luz que redime a precariedade das formas e o regime da noite, enquanto atmosfera de intimidade e harmonia que reflete o impulso amoroso e genésico que preside à natureza.

NA SUA PINTURA, COMO NA SUA POESIA, misturam-se estes registos no seio de um fascinante e fulgurante caleidoscópio de imagens, onde cada um deve procurar, entre a lucidez sonha-



FOTOS: HENRIQUE CALVET



Pinturas de Cruzeiro Seixas: *As palavras cegas* (em cima) e *O impossível possível*

lhosos, do maravilhoso, personagens ambigualmente em conflito ou em harmoniosa fusão, estudando as leis do jogo, negando-as. E a noite convivendo amorosamente com o dia, as estrelas brilhando como sóis, o sol iluminando e rasgando a noite, regime de Eros, de uma alquímica união que não impede, no entanto, de vislumbrar a claridade, a luz dos conteúdos de uma racionalidade devolvida às fontes do imaginário.

É possível encontrar a chave, nova, da discursividade onírica de CS, ou dos grandes poetas-pintores do Surrealismo, de Ernst a Miró, Delvaux e Magritte. Essa chave está escondida nos territórios de um comum património de sonhos e arquétipos universais e protegida no dédalo aparentemente inextricável das imagens da poesia e da pintura de CS, prefigurando a síntese desejada e anunciada pelos surrealistas na qual os grandes opostos se unem, parte de um mesmo e único mistério, cujo reduto último nos é vedado, como no mito.

O poeta interroga a Esfinge, e esta sorri, enigmática, perante a sua e a nossa perturbação. A resposta, as grandes respostas, estão em nós próprios. A viagem, a Odisseia, deverá ser íntima e sempre a recomear por cada um, em todos os momentos da história. A obra de Cruzeiro Seixas convida-nos uma vez mais a acompanhá-lo na sua grande aventura do conhecimento, que permanece, além da secreta viagem que hoje começa. Ela é agora nossa, visto que nos pertencem, e nos são dedicados e legados, o enigma e a maravilha do seu pensamento e das suas imagens. JL

dora e o sonho lúcido, o flo de Ariadne, capaz de conduzir à chave de um conhecimento secreto, "Última Ciência" que a poesia e a poesia plástica, sempre encerram. Deslumbrámo-nos, na pintura, com o espetáculo de um mundo em eterna metamorfose, que não é um espelho do real conhecido, mas do seu avesso desconhecido, com o movimento de uma simbiose entre todos os reinos e as suas criaturas, onde nada parece, nunca, ter uma forma definitiva. Mundo sujeito ao fluxo indomável e devorador do tempo, com ceias e nupcias que são atos de uma escrita-pintura iniciática, que vai derramando com o caudal luxuoso das imagens, o fulgor de uma verdade e de um conhecimento informuláveis, que devem ser sentidos, ou vistos, nunca ditos.

Estranhas e compostas figuras entre o animado e o inanimado, numa confusão de reinos, animal, humano, mineral, aquático, naufrágios maravi-